

IMAGINÁRIO E CULTURA: um estudo sócio-antropológico

Adrian Alvarez Estrada*

RESUMO: Segundo as posições de Mauss e Herkowitz, nas organizações educativas todo grupo social educa e organiza o comportamento. Considerando que a realidade é uma construção, melhor, uma projeção de redes de leitura de cada grupo humano (*mapping*), a culturálise de grupos é o estudo e levantamento, para posterior eventual intervenção para mudanças, desses mapas de realidade e consciência de grupo, ou seu imaginário e/ou cultura específicos. Segundo Anzieu, todo grupo agrega seus elementos num trabalho em torno de um “pólo técnico” (ou praxeológico) e em torno da afetividade que circula subterraneamente no “pólo fantasmático”; assim, o primeiro representa as atividades do grupo, ao passo que o segundo envolve a afetividade do grupo e suas manifestações fantasmáticas. Portanto há duas dimensões da culturálise de grupos: a cultura patente e a cultura latente. A cultura patente identifica-se com as formas estruturadas da atividade grupal, ou seja, a presença da cultura como códigos e normas; a cultura emergente compreende-se como o “plasma da significância”, ou seja, a presença da cultura através de imagens simbólicas portadoras de conteúdos conscientes e inconscientes; a cultura latente é a presença da dimensão do inconsciente ou da “zona obscura da cultura”.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Culturálise de grupos; Cultura organizacional.

IMAGINARY AND CULTURAL: A Study Anthropology Partner.

ABSTRACT: According the positions of Mauss and Herkowitz, in the educative organizations all social groups educate and organize the behavior. Considering that reality is a construction, better, a projection of net of reading of each human group (*mapping*), the cultural analyze of groups is study and raising, to posterior intervention to changes, this maps of reality and conscience of group, or their imaginary or specifics culture. According with Anzieu, all group aggregate their elements in work around a technical polo, in around affective that circulate of form subterranean in “polo phantasmal”, the first represent the activities of group, the second involve the affective of group and their phantasmal manifestations. However there are two dimensions of cultural analyze of groups, the patent culture and latent culture. The patent culture identify with the forms structured of group activity, or the presence of culture as code and norms; the emergent culture is comprehended as the “plasma of signification” or the presence of culture through of symbolic image porter of conscious and

* Doutorando em Educação pela USP; Mestre em Educação pela USP; Coordenador do Colegiado do Curso de Pedagogia da UNIPAR/Cascavel; e-mail: adrian@unipar.br Endereço do autor: Rua Rui Barbosa, nº 611, Jardim Cristal, Cascavel – Pr. CEP 85 801-470.

unconscious contents; the latent culture is the presence of dimension of unconscious or of "obscure zone of culture".

KEY WORDS: Culture, Cultural Analyze of groups, Organizational culture.

1. Introdução

O conceito de imaginário não é ainda amplamente aceito no campo das ciências sociais, que não reconhece o seu valor heurístico. Para os críticos do tema não existe nenhuma finalidade útil nesse estudo. Alega-se que é um termo vago demais para merecer considerações sérias. Pois bem, a intenção, neste texto, é mostrar a importância de tais estudos para uma melhor compreensão das organizações educativas com a finalidade de proporcionar novas perspectivas de atuação das mesmas.

Este texto dete-se-á, inicialmente, na problemática da administração escolar. Nessa perspectiva:

os estudos sobre administração escolar dominantes buscavam nas teorias clássicas de administração de empresas (taylorismo, fayolismo, fordismo, relações humanas, capital humano, sistêmicas etc.) a possibilidade de aplicação nas organizações educativas. As palavras de ordem eram racionalidade, eficiência, produtividade, consenso etc. e o enfoque, ou micro ou macrosistêmico, era o liberal-funcionalista. (PORTO, 2000:17).

No final dos anos 70, através da gradativa abertura política brasileira, houve uma influência muito grande das chamadas "teorias críticas" sobre administração escolar, que afirmavam

que a direção de escola deve ter uma função política de organização e conscientização, devido à ação de um Estado que, aliado às classes dominantes e à mercê de interesses econômicos internacionais, utiliza a escola como poderosa agência de reprodução da ideologia capitalista. Para tanto, utilizaria de medidas restritivas, sobretudo nas escolas públicas, relativas à financiamento, normas de funcionamento, formação de professores etc. Foram os tempos de Althusser, Bourdieu, Poulanzas, Gertz & Mills etc. e as palavras de ordem: participação, descentralização, tomada de posição, confronto etc. Ainda aqui se tratavam de enfoques micro ou macrosistêmicos, de cunho progressista, muitos com forte influência marxista. (PORTO, 2000:18).

Entretanto, através de atividades realizadas em escolas - seja como aluno, seja como professor -, percebeu-se que

havia um 'elo perdido' que essas explicações não conseguiam detectar. Eram manifestações que ocorriam no cotidiano das escolas, que não se enquadravam tão bem nessas teorias, como era de se desejar. Por que algumas escolas funcionavam bem e outras não? Por que, apesar de serem submetidas às mesmas formas de funcionamento, elas eram ao mesmo tempo tão diferentes e tão iguais? (PORTO, 2000:18).

Pôde-se perceber que, no campo da pesquisa educacional, houve um esgotamento dos grandes enfoques explicativos e, ao analisarem-se as organizações escolares, apenas na perspectiva macroestrutural, consideravam-nas, apenas, como um simples reflexo do político e do econômico. Sobretudo, nos enfoques de cunho marxista, que privilegiavam a noção de infra-estrutura na dinâmica sócio-cultural e organizacional: “no caso dos enfoques marxistas a educação contribui para a instauração e preservação de uma nova hegemonia, de uma nova dominação exercida por uma nova classe social, porém justificada pela busca de uma sociedade mais igualitária, mais justa e feliz”. (TEIXEIRA, 1987:81).

Nesse sentido, a proposta deste estudo é (re)pensar a organização escolar¹, considerando sua dimensão cultural, na qual se realizam as práticas simbólicas organizadoras do real social - prática simbólica entendida como a cristalização em ação de um universo imaginário numa práxis, através de um sistema sócio-cultural e de suas instituições. Toda e qualquer prática simbólica agencia processos simbólico-organizacionais de teor educativo. (PAULA CARVALHO, 1991:83). Na escola, as manifestações do imaginário podem ser apreendidas pelo estudo da cultura e do imaginário dos grupos que nela interagem, especialmente de alunos. O estudo pretende verificar de que forma os aspectos culturais e referentes ao imaginário interferem na dinâmica interna da escola; mantendo, inibindo ou modificando as práticas sociais vigentes.

Essa abordagem encontra-se inserida num quadro epistemológico ampliado, do paradigma holonômico. Neste paradigma, situa-se a Antropologia das Organizações e da Educação, fundamentada na Antropologia da Complexidade (de Edgar Morin) e da Antropologia do Imaginário (de Gilbert Durand).

De acordo com a Antropologia das Organizações, a escola é concebida como um sistema simbólico, um sistema sócio-cultural constituído por grupos com

¹ “O campo de estudos sobre as organizações já foi recortado pela sociologia das organizações, psicossociologia das organizações, teoria das organizações, dentre as abordagens mais evidenciadas. E a teoria geral da administração, teoria do planejamento, política educacional etc., compete extrair desse corpus as conversões actanciais (...) o enfoque antropológico deles se destacará não tanto porque se preocupa com a dimensão do homem nas organizações; não tanto porque se preocupe com a realização de uma abordagem sintética e parcelar mas, sobretudo, porque se propõe primordialmente a questão paradigmática e, como nos lembra Edgar Morin, é ao nível do paradigma que mudam a visão da realidade, a realidade da visão, o rosto da ação e que, em suma, muda a realidade. Cf. PAULA CARVALHO, 1990:16.

uma vivência real de códigos e sistemas de ação. Considera, ainda, que a cultura torna possível o contato dos homens em sociedade e a vida social. A cultura é um circuito que liga os sistemas “simbólicos-códigos-normas” e as “práticas simbólicas” da vida cotidiana. Para Morin, cuja noção é adotada neste trabalho, cultura “é um sistema que faz comunicarem-se - dialetizando-se - um saber constituído e uma experiência existencial”. (MORIN, 1984:41).

A Antropologia das Organizações e da Educação busca dirigir à escola um “novo olhar”, que privilegie sua dimensão cultural, na qual se realizam as práticas simbólicas organizadoras do real e se expressam o simbólico e o imaginário.

Na tentativa de se estudar a cultura de uma escola e descortinar sua dimensão imaginária, um dos caminhos utilizados como instrumento de sócio-diagnóstico será a Culturálise de Grupos, proposta por Paula Carvalho. A partir da culturálise pretende-se compreender o nível de funcionamento dos grupos de alunos tanto no aspecto patente quanto no latente (ESTRADA, 2001).

Imaginário e Educação

Neste item, abordar-se-á a definição de imaginário destacando seu valor heurístico para o campo da pesquisa educacional. Optou-se pela Teoria² Geral do Imaginário³, de Gilbert Durand. Diferentemente das demais abordagens do imaginário que se situam em diferentes teorias⁴, em Durand o imaginário é “o fundamento fundante sobre o qual constrói todas as suas concepções de homem, de mundo, de sociedade, dando conta, por isso, da relação indivíduo/sociedade e natureza/cultura” (TEIXEIRA, 1994a:8). Ainda, para Durand

o estudo do imaginário permite a compreensão dos dinamismos que regulam e vida social e suas manifestações culturais. O imaginário consiste-se do capital inconsciente dos gestos do sapiens, mas é também o conjunto de imagens e de relações de imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens e o universo das configurações simbólicas e organizacionais. Está, pois, subjacente aos modos de pensar, sentir e agir de indivíduos, culturas e sociedades. (PORTO, 2000:20-21).

A partir da crítica que faz à desvalorização da imagem e do imaginário no pensamento ocidental clássico, Gilbert Durand constrói a sua Teoria Geral do Imagi-

² Teoria aqui entendida como a matriz a partir da qual se desenvolvem as abordagens de um autor.

³ A base teórica sobre o imaginário explicitada neste texto encontra-se em DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

⁴ Como por exemplo, a partir de Castoriadis (teoria da sociedade), da Escola de Frankfurt (Teoria da História) ou de Sartre (Teoria Ontológica das formas de consciência).

nário. Para Durand (1997:21): “O pensamento ocidental e especificamente a filosofia francesa têm por constante tradição desvalorizar ontologicamente a imagem e psicologicamente a função da imaginação ‘fomentadora de erros e de falsidades’”. Ainda, segundo Durand (1997:21-22):

a imaginação é reduzida pelos clássicos àquela franja aquém do limiar da sensação que se chama imagem remanescente ou consecutiva. É sobre esta concepção de um imaginário desvalorizado que floresce o associacionismo, esforço certamente louvável para explicar as conexões imaginativas, mas que comete o erro de reduzir a imaginação a um puzzle estático e sem espessura e a imagem a um misto, muito equívoco, a meio caminho entre a solidez da sensação e a pureza da idéia.

A psicologia geral acaba - também - reduzindo a importância do imaginário, reduzindo-o a um desorganizado esboço intelectual. Durand (1993:37) afirma que as hermenêuticas redutoras “só descobrem a imaginação simbólica para tentar integrá-la na sistemática intelectualista em vigor, para tentar reduzir a simbolização a um simbolizado sem mistérios”. Durand critica as posições associacionistas (que reduzem a imaginação à percepção debilitada), bergsonianas (que reduzem a imaginação à lembrança da memória) e sartreanas (que reduzem a imaginação a um modo de consciência). A falha das teorias supracitadas é de não considerarem a imagem como símbolo, deixando, assim, perder-se a eficácia do imaginário. É o que Durand procura corrigir na sua elaboração teórica.

Sua concepção de imaginário baseia-se, fundamentalmente, em Jung e Bachelard. De Jung retira a noção de arquétipo que é:

a parte herdada da psique, padrões de estruturação e desempenho psicológico ligados a fatores biológicos (...) os arquétipos são entidades hipotéticas, tornando-se aparentes somente através de suas manifestações. Os arquétipos podem ser observados e inferidos através de comportamentos externos, principalmente aqueles que se aglomeram em torno de certas experiências básicas e universais da vida humana. (NAGELSCHMIDT, 1996:23).

É de Bachelard a concepção de simbolismo imaginário em que “a imaginação é dinamismo organizador, e esse dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação” (DURAND, 1997:30). Nesse sentido afirma que “a imagem - por mais degradada que possa ser concebida - é ela mesma portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária”. (DURAND, 1997:29).

Para Durand, o estudo do imaginário requer uma perspectiva antropológica, concebendo a antropologia como um conjunto de ciências que estudam a espécie *homo sapiens*. Considerando que o *homo sapiens* é também o *homo symbolicus*,

propõe a noção de “trajeto antropológico”, que consiste na “incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997:41). E, segundo Durand (1997:41), o trajeto antropológico

*afastará de nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por todas, que há uma **gênese recíproca** que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa. É neste intervalo, neste caminhar reversível que deve, segundo nos parece, instalar-se a investigação antropológica.*

O imaginário nada mais é do que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito e, reciprocamente, as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo, como mostrou Piaget (DURAND, 1997:41). A pulsão individual tem sempre um “leito social” no qual corre facilmente ou, pelo contrário, luta contra os obstáculos, de modo que o “sistema projetivo da libido” não é uma pura criação do indivíduo. Os “complexos de cultura” são formados nessa relação, podendo o trajeto antropológico partir indistintamente ou da cultura ou do natural psicológico, uma vez que o essencial da representação e do símbolo está contido entre esses dois marcos reversíveis (DURAND, 1997:42).

O trajeto antropológico é mediado pelo processo de simbolização. Para Paula Carvalho, a própria noção de símbolo dá conta dessa articulação, na medida que une a invariância do arquétipo à variação das imagens. Ainda, segundo Paula Carvalho (1992:4), a língua alemã expressa de modo preciso esse caráter do símbolo, visto que *sinn* (sentido) compreende as variações das configurações sócio-culturais e *bild* (forma) a invariância arquetipal. Sintetizando, o imaginário é produto da articulação entre o bio-psíquico e o sócio-cultural, cuja sutura epistemológica é realizada pelo símbolo, que é sempre constituído por um elemento arquetípico e um elemento ideativo, numa dupla abertura, remetendo ao duplo caráter da vivência humana: o ontogenético (individual-grupal) e o filogenético (as histórias individuais-grupais que reproduzem a história da espécie).

O imaginário expressa-se em sistemas e práticas simbólicas, isto é, em produções imaginárias como o mito⁵, os ritos, a linguagem, a magia, a arte, a religião, a ciência, a ideologia, as formas de organização e as demais atividades e criações humanas, cuja principal função é encontrar modos de enfrentar a angústia original decorrente da consciência do Tempo e da Morte. O desejo buscado pela imaginação

⁵ “Entenderemos por mito um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e esquemas, sistema dinâmico que, sob o impulso de um esquema, tende a compor-se em narrativa. O mito já é um esboço de racionalização, dado que utiliza o fio do discurso, no qual os símbolos se resolvem em palavras e os arquétipos em idéias. O mito explicita um esquema ou grupo de esquemas”. (DURAND, 1997:62-63)

humana é o de reduzir a angústia existencial: representar e simbolizar as faces do Tempo e da Morte, visando controlar as situações que elas representam.

Entretanto, devido à impossibilidade de controle, isto é, de distinguir e encarar o desconhecido e controlar os perigos que pode representar, o imaginário cria imagens nefastas que representam as faces do Tempo e da Morte, expressas nos símbolos de animalidade agressiva (teriomorfos), das trevas terrificantes (nictomorfos) e da queda assustadora (catamorfos). Para enfrentá-los, desenvolve duas atitudes imaginativas padrões, que correspondem a dois regimes de imagens - regime diurno e regime noturno - e três dominantes reflexas: postural, digestiva e rítmica ou copulativa.

A **dominante postural** (das matérias luminosas, visuais e ascensionais e técnicas de separação) remete ao imaginário de luta, combate, purificação, análise, despertando simbolismos representados pela luz, cume, asa, espada, flecha, gládio e cetro. A **dominante digestiva** (das matérias das profundezas) remete ao imaginário de repouso, intimidade, união, aconchego, acomodação, refúgio, envolvimento, despertando simbolismos representados pela água, caverna, noite, mãe, morada, utensílios continentes e recipientes (taças, cofres etc.). A **dominante copulativa** (dos gestos rítmicos) remete ao imaginário da conciliação de intenções entre a luta e o aconchego, contendo imagens que expressam, ao mesmo tempo, essa dualidade, despertando simbolismos representados pela roda, árvore, fogo, cruz, a lua, estações da natureza, ciclo vital, no progresso ou declínio. (TEIXEIRA, 2000:33).

As representações correspondentes às dominantes expressam-se no que Gilbert Durand chama de *schème*⁶ - substratos gestuais que, ao entrarem em contato com o meio natural e sociocultural, substantificam-se em arquétipos. As estruturas do imaginário oscilam ao redor dos três *schèmes* matriciais: **separar** (heróico), **incluir** (místico) e **dramatizar** (sintético ou disseminatório) (DURAND, 2000).

As três estruturas, estabelecidas por Gilbert Durand, correspondem a dois regimes de imagens: o diurno e o noturno. As três estruturas são classificadas, por Durand, em dois regimes de imagens. Esta divisão é inspirada na Psicanálise Clássica, que vincula as pulsões digestivas e sexuais. Desse modo admite-se - pelo menos metodologicamente - que existe um parentesco entre a dominante digestiva e a sexual (DURAND, 1997:58).

O Regime Diurno “tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação” (DURAND, 1997:58). O enfrentamento do “*monstro devorador*”⁷ ocorre

⁶ Para Rocha Pitta não há tradução adequada – em português – para *schème*, visto que existe diferença de sentido (no idioma francês) entre *schème* e *schéma*. Seria conveniente designar *schéma* para o desenho, a figura esquemática; ao passo que *schème* significa a regra que utilizamos para traçar uma figura e que existe em estado de pura tendência na nossa imaginação (ROCHA PITTA, 1982:Vol. 1, p. 38).

⁷ O monstro devorador é um dos arquétipos fundamentais no AT-9 (arquétipo teste nove elementos), que é a formulação experimental da Teoria Geral do Imaginário, de Gilbert Durand.

através do combate ou da fuga, evidenciando a fase trágica do tempo e da morte. Caracteriza-se por imagens polarizadas ao redor dos esquemas de ascensão, de separação e do arquétipo da luz. Apresenta como princípios lógicos de explicação e justificação a exclusão, a contradição e a identidade. Corresponde à estrutura heróica, que tem como noção básica a potência.

Já o Regime Noturno

subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora, a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos (DURAND, 1997:58).

O regime noturno apresenta duas estruturas: a mística e a sintética (ou dramática). Na estrutura mística, a fase trágica do tempo é minimizada ou eufemizada pela negação. Caracteriza-se pela dominante digestiva e tem como noção básica a analogia e a similitude. A estrutura sintética pretende a harmonização dos contrários e caracteriza-se pela dominante sexual. Resumidamente, as estruturas apresentam os seguintes símbolos e *schèmes* (Quadro 1):

QUADRO 1 - RESUMO DAS ESTRUTURAS

Regimes	Estruturas	Schèmes	Símbolos
Diurno	Heróica	Do animado Da queda Ascensional Espetacular Diairético	Teriomorfos Catamorfos Ascensionais Espetaculares Diairéticos
Noturno	Mística	Descida eufemizada Intimidade Ocultação	Da inversão Da intimidade
	Sintética	Rítmico Dialético Messiânico	Cíclicos Dialéticos Messiânicos

A partir da análise das imagens provenientes de diversas culturas, expressas nas narrações míticas, na literatura e nas mais diversas formas de expressão artística, isto é, em fatos culturalmente elaborados, Durand chegou à classificação das estruturas do imaginário - porém, em nível estritamente teórico. A validação da teoria coube a seus seguidores, em especial a Yves Durand, criador de um modelo normativo, que chegou a sua reprodução potencial num teste por ele denominado de AT-9 (arquétipo teste de nove elementos), cuja análise já foi realizada em outro artigo (ESTRADA, 2002).

Referências Bibliográficas

DURAND, G. *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURAND, Y. *L'Éxploration de l'imaginaire*. Introduction à la modelisation des Univers Mytiques. Paris: L'Espace Bleu, 1988.

ESTRADA, A.A. "A culturálise de grupos: novas perspectivas em educação". In: **Revista Akropolis**. Umuarama, vol. 9, nº 2, p. 105-116, 2001.

ESTRADA, A.A. "O teste AT-9 na escola: considerações preliminares acerca do universo da angústia". In: **Revista Educere**. Toledo, vol. 2, nº 1, p. 25-38, 2002.

LOUREIRO, A.M.L. *O AT.9 e o imaginário*. Brasília: UNB, 1996. (mimeo)

MORIN, E. *Sociologie*. Paris: Fayard, 1984.

PAULA CARVALHO, J. C. de. *Da arquetipologia do imaginário à sua formulação experimental através do AT.9: sete estudos*. São Paulo, FEUSP, 1992. (mimeo)

PAULA CARVALHO, J.C. de. *A Culturálise de grupos: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural*. São Paulo, 1991, Ensaio de Titulação, Faculdade de Educação da USP.

PAULA CARVALHO, J.C. de. *Antropologia das Organizações e da Educação: um ensaio holonômico*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

PITTA, D.P.R. *Padronização do teste AT.9*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 1982, 4 vols.. (mimeo)

PORTO, M.R.S. *Imaginário e Cultura: escorrências na educação*. In: PORTO, SANCHEZ TEIXEIRA, FERREIRA SANTOS & BANDEIRA (orgs) *Tessituras do Imaginário: cultura & educação*. Cuiabá: EdUNIC, 2000.

TEIXEIRA, M.C.S. **Alternativas Organizacionais**: um estudo do redimensionamento das questões educacionais e administrativas. In: Escola Brasileira: temas e estudos. São Paulo: Atlas, 1987, p. 72-88.

TEIXEIRA, M.C.S. **Discurso pedagógico, mito e ideologia**: o imaginário de Paulo Freire e de Anísio Teixeira. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.

TEIXEIRA, M.C.S. **Imaginário e educação**: as mediações simbólicas no universo das organizações educativas. In: Revista de Educação Pública. Cuiabá, v. 3, n.º 4, jul-dez/1994.

Data do Recebimento: 13/03/2003.

Data do Aceite: 20/07/2003.